

A IDENTIDADE PESSOAL IMPORTA? UMA LEITURA DE PAUL  
RICOEUR E DEREK PARFIT

*Cláudio Reichert do Nascimento<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal do Oeste da Bahia*

**Resumo**

O artigo objetiva tratar da noção de identidade pessoal a partir de Paul Ricoeur (1913-2005) e Derek Parfit (1942-2017). Ricoeur aborda a importância da identidade pessoal com respeito à constituição de uma identidade narrativa, a qual configuraria as ações praticadas ao longo do tempo. Por sua vez, Parfit apresenta argumentos contra a natureza e a importância da identidade pessoal, destacando que, ao se procurar uma resposta com respeito à permanência ao longo do tempo, o importante é a sobrevivência do indivíduo submetido a experimentos baseados em ficção científica, e não a importância da identidade pessoal enquanto a “mesma” pessoa. Em face disto, expõe-se como Ricoeur defende que a permanência no tempo da identidade pessoal está vinculada ao caráter e à manutenção pela palavra mantida, que podem ser reunidos pela composição de uma trama narrativa.

**Palavras-chave:** Identidade pessoal. Paul Ricoeur. Derek Parfit. Mesmidade. Ipseidade. Narração.

**Abstract**

This article aims to address the notion of personal identity from Paul Ricoeur (1913-2005) and Derek Parfit (1942-2017). Ricoeur addresses the importance of personal identity in relation to the constitution of a narrative identity, which would configure the actions taken over time. Parfit, in turn, presents arguments against the nature and importance of personal identity. He highlights that when one looks for an answer with respect to permanence over time, what is important is the survival of the individual submitted to experiments based on science fiction, and not the importance of personal identity as the “same” person. In view of that, this article exposes how Ricoeur argues that the permanence in the time of personal identity is linked to character and maintenance through the

---

1 Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

maintained word, which can be brought together by the composition of a narrative plot.

**Keywords:** Personal Identity. Paul Ricoeur. Derek Parfit. Sameness. Selfhood. Narration.

## Introdução

O problema da identidade pessoal aparece, de maneira recorrente, entre os chamados temas de natureza metafísica, implicando teses de caráter reducionista ou não reducionista, para abordar a questão da sua permanência ao longo do tempo (GARRETT, 2008). Assim, objetivo deste artigo é expor, de um lado, a argumentação de Paul Ricoeur (1985; 1990; 1988a; 1988b) sobre a importância da identidade pessoal para as discussões relacionadas ao conjunto das ações praticadas, com vistas à constituição de uma identidade narrativa, e, de outro lado, a argumentação de Derek Parfit (1983; 2004) referente à não importância da identidade pessoal.

Ricoeur propõe que a identidade pessoal está relacionada às ações praticadas no decorrer da vida da pessoa, sendo que tal identidade deve ser compreendida como identidade prática (RICOEUR, 1985). Nesse sentido, a análise de Ricoeur pode ser vista como uma análise não-reducionista (BLANCO ILLARI, 2011), uma vez que o conceito de pessoa, conforme exposto em *Approches de la personne* (RICOEUR, 1992), como singularidade e como sujeito agente e sofredor, é basilar para a constituição da identidade narrada, construída por meio da história narrada de uma vida que confere unidade às experiências pessoais.

Por sua vez, Parfit considera que a defesa da natureza da identidade pessoal implica a posição de um tudo ou nada, pois é necessário que haja uma relação entre o presente e qualquer momento futuro do indivíduo, pois, caso contrário, estaremos falando de alguém idêntico numericamente, mas que não é qualitativamente idêntico, o que faz da natureza da identidade pessoal um caso especial com relação à permanência da identidade no decorrer do tempo. Assim sendo, Parfit assume uma postura reducionista, pois a sua análise sobre a

existência e a identidade contínua da pessoa é feita sem tomar como referência o conceito de pessoa (GARRETT, 2008).

## **A identidade pessoal não importa**

Ricoeur viu em Parfit um adversário a ser considerado devido a maneira com que este discute a identidade pessoal. Ricoeur afirma em *Soi-même comme un autre*:

Essa obra fora do comum é a de Derek Parfit, *Reasons and Persons*. Nela reconheci o mais temível adversário – não o inimigo, longe disso – para a minha tese da identidade narrativa, uma vez que suas análises se desenrolam em um plano em que a identidade apenas pode significar mesmidade, com exclusão expressa de toda distinção entre mesmidade e ipseidade, e, então, de toda a dialética – narrativa ou outra – entre mesmidade e ipseidade. (RICOEUR, 1990, p. 156, tradução nossa).

Nesse trecho, Ricoeur refere-se ao fato de que a identidade pessoal, para Parfit, está assentada sobre relações de sobrevivência a experimentos mentais que redundam em situações sobre ser o “mesmo” sujeito envolvido nos resultados das experiências potencialmente concebíveis (RICOEUR, 1990). Entretanto, nesse caso, não se reivindicaria a existência distinta de cada pessoa, para a qual faria sentido perguntar pela história narrada de “minha” vida, como síntese das experiências vividas. Ainda que essa história possa ser dita “da minha vida”, se trata de uma história configurada pelo discurso narrado, que confere uma totalidade temporal efetiva (RICOEUR, 1983) às ações praticadas e suportadas (sofridas) pela personagem.

De saída, a crítica referente à importância da identidade pessoal é uma das razões para o interesse de Ricoeur na obra de Parfit, já que ele faz todo um esforço para justificar de que modo a narração configura a identidade pessoal, vista como o lugar de confrontação entre dois modos de permanência no tempo, a saber, o *idem* e o *ipse*. Como veremos mais abaixo, Ricoeur (1990; 1988b; 1991) se propõe explorar as significações de “mesmidade” – identidade-*idem* – como extremamente semelhante, análogo, e de “ipseidade” – identidade-*ipse* – como a identidade de si-mesmo, em decorrência da aparente “falta de distinção entre os dois usos do termo identidade” (RICOEUR, 1988a, p. 296). Tais significações se

recobrem, então, na figura do caráter e distanciam-se na manutenção de si à palavra dada, requerida como o modo próprio da ipseidade. Nesse sentido, o problema se coloca a partir “das possibilidades multiformes da relação entre permanência e mudança” (RICOEUR, 1991, p. 35).

Abaixo, exponho, primeiramente, a crítica de Parfit à natureza da identidade pessoal. Em seguida, tomando por base os casos de ciência-ficção, chamados de “experimentos de Wiggins”<sup>2</sup>, apresento a sua crítica à importância da identidade pessoal.

#### a) A natureza da identidade pessoal

A tese de Parfit é reducionista (BLANCO ILLARI, 2011; GARCÍA, 2018), pois defende que identidade pessoal está vinculada à continuidade psicológica (PARFIT, 1983). Entretanto, Parfit busca aprofundar a posição acerca da continuidade psicológica pautada em cadeias de conexão psicológica. Além disso, Parfit se insere no conjunto das teorias descritivas, já que busca discutir a questão no contexto da ontologia descritiva<sup>3</sup>.

Parfit se contrapõe aos que defendem a natureza (defensores da crítica 1) e a importância (defensores da crítica 2) da identidade pessoal. Os chamados “defensores da crítica 1” sustentariam que a natureza da identidade pessoal, no decorrer do tempo, tem uma dimensão tal que exige uma resposta às perguntas sobre a identidade, embora os critérios para se atribuir a identidade pessoal não deem conta de alguns casos. A crença é resumida do seguinte modo: “Aconteça o que aconteça entre agora e qualquer tempo futuro, ou bem eu existirei ou eu não existirei. Qualquer experiência futura será *minha* experiência ou não será” (PARFIT, 1983, p. 6).

Ainda que diga não encontrar uma maneira de refutar essa primeira crença

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, Parfit faz referência à obra *Identity and Spatio-Temporal Continuity*, de David Wiggins (1933 -), publicada em 1967, que foi um dos primeiros a analisar o experimento de divisão de pessoas aplicado ao problema da identidade pessoal.

<sup>3</sup> Para um maior aprofundamento dos conceitos de “continuidade psicológica”, “conexão psicológica”, “ontologia descritiva”, “identidade qualitativa” e “identidade numérica” ver: GARRETT, 2008; BLANCO ILLARI, 2011.

e, portanto, o confronto estaria em parte perdido, Parfit contesta descrevendo um caso problema (*puzzle case*) para tentar mostrar que a defesa sobre a natureza da identidade pessoal parece implausível (PARFIT, 1983, p. 5-6). Em princípio, ele argumenta que em certos casos, que envolvem, por exemplo, nações e máquinas (“É a mesma nação?”; “É a mesma máquina?”), não se questiona se se trata da identidade da mesma entidade, ou conceito, qualitativa ou numericamente. Entretanto, em sentido amplo, as pessoas considerariam que, ao longo do tempo, a identidade pessoal deve ter uma resposta sobre se elas são ou não as mesmas.

Nesse caso, o princípio do interesse próprio impulsionaria a demanda de resposta pela natureza da identidade pessoal, uma vez que a velhice ou a morte teriam consequências sobre a pergunta, ou ainda a projeção de nossas emoções ao nos imaginarmos em situações que poderíamos nos perguntar: “e se fosse eu?”. Contudo, Parfit alega que isso beiraria mais ao desconforto individual que propriamente uma questão filosófica sobre a natureza da identidade pessoal. Se tomamos a questão pela via da reidentificação e se afirmamos que Fulano de Tal, ao sofrer o acidente, transformou-se em uma outra pessoa, mesmo assim se tem consciência de que se trata numericamente da mesma pessoa. Por sua vez, a conversão religiosa, política, de um indivíduo pode levar a pessoa a transformar-se em outra, em sentido qualitativo, mas não em termos numéricos, pois já não seria possível atribuir a mudança a esse ou aquele indivíduo (BLANCO ILLARI, 2011). Isto posto, Parfit pretende, portanto, mostrar que resposta sobre a natureza da identidade pessoal é indefinível.

#### b) A importância da identidade pessoal

A segunda crença criticada por Parfit diz respeito à importância da identidade pessoal, visto que os defensores da crítica 2 argumentam que a identidade se trata de uma questão essencial porque se está perguntando “o que significa para uma pessoa persistir através do tempo” (GARRETT, 2008, p. 127). Em suma, ao se questionar o que significa a permanência ao longo do tempo, se está perguntando “o que é para a pessoa A no tempo  $t_1$  ser a mesma pessoa que

a pessoa B no tempo t2 e esperamos uma resposta informativa sobre essa questão” (GARRETT, 2008, p. 127). Parfit afirma que alguns autores são inclinados a sustentar que é a identidade física e/ou psicológica o que importa para o caso da identidade pessoal (PARFIT, 2004, p. 793ss). Todavia, segundo Parfit, o que importa é poder perguntar sobre a sobrevivência, a memória e a responsabilidade. Então, a resolução do problema seria que a identidade pessoal não tem importância. Parfit apresenta, então, os chamados “experimentos de Wiggins” (PARFIT, 1983; 2004), que se trata de casos embaraçosos, buscando minar a solidez das crenças sobre as quais se apoia a importância da identidade pessoal (BOTTON, 2010).

De acordo com o experimento, o cérebro da pessoa é transplantado para uma outra e esta passa a assumir o caráter do “doador”, bem como se recorda de acontecimentos da vida dele. As manifestações de caráter e as lembranças tidas pelo receptor do cérebro nos levam, diz Parfit, a pensar que, apesar de ser outro corpo, a pessoa que resulta da operação é o “doador”.

Entre as operações imaginadas por Wiggins está a bissecção cerebral. O cérebro de uma pessoa é dividido e cada parte é colocada em um novo corpo. As pessoas que resultam da operação passam a manifestar o caráter e a recordar passagens da vida de quem tinha a posse deste cérebro. O que aconteceu com aquele que teve seu cérebro particionado? Diferentemente do artigo “Personal identity” (publicado originalmente em 1971), no qual Parfit emprega três possibilidades, em “Reasons and persons” (publicado originalmente em 1984), ele cita quatro possibilidades, a saber (PARFIT, 1983, p. 7; 2004, p. 458):

- i) eu sobrevivo;
- ii) sobrevivo como uma das duas pessoas;
- iii) sobrevivo como outra;
- iv) sobrevivo como as duas pessoas;

Parfit diz que depois de pensarmos no caso de Wiggins, se aceitaria que a pessoa resultante, de fato, é o doador, isto é, ele sobrevive no transplantado. Conforme Parfit (1983), o transplantado tem as características do doador assumindo uma espécie de *convencionalismo*, pois o resultado do transplante, posto sob quatro possibilidades (“não sobrevivo”; “sobrevivo como uma das duas pessoas resultantes do experimento”; “sobrevivo como outra”; “sobrevivo

como ambas pessoas”), é dependente do que se preestabelece como hipóteses do experimento de Wiggins. Em resposta à possibilidade 1, se o transplante ocorrer com sucesso é possível que o doador sobreviva. Se é possível uma parte ser transplantada com sucesso tem de se admitir que as duas partes poderiam ser transplantadas com igual sucesso. Disto se origina um problema, pois sendo similares as duas partes transplantadas, por conseguinte, também seria cada pessoa oriunda do processo. Desta maneira, há “sobrevivência” com os dois extratos cerebrais. No caso (iii), o doador também sobreviveria se uma parte fosse transplantada com êxito e a outra destruída.

Entre as possibilidades, a quarta (“o doador sobrevive como ambas as pessoas”) pode ser assumida, porque o sucesso do transplante elimina a primeira (“não sobrevivo”), e se consideramos o êxito do transplante de uma parte cerebral pode-se conceber o sucesso do transplante em ambas as pessoas. Se não bastasse isso, qual critério para decidir que se sobrevive como uma das duas pessoas resultantes, já que os dois transplantes foram bem sucedidos? Por conseguinte, Parfit pode mostrar, por intermédio do experimento de Wiggins, que o doador sobrevive como duas pessoas, e não apenas como uma das duas pessoas. E, mais do que isso, a questão é “sobreviver” à experiência e não sobre a importância da identidade pessoal. A questão não é saber se as duas pessoas são a mesma. Parfit (1983, p. 8) afirma: “O que chamamos de duas pessoas resultantes não são duas pessoas. São uma pessoa. Eu sobrevivo à operação de Wiggins. Seu efeito é dar-me dois corpos e uma mente dividida”.

Com a retomada da discussão na filosofia contemporânea, Parfit expõe que Bernard Williams<sup>4</sup> defende o critério da continuidade física contra a continuidade psicológica como critério da identidade pessoal. Williams considera que a identidade é uma relação um-a-um, contudo, a continuidade psicológica não é logicamente um-a-um, assim, esta não pode estabelecer-se como critério (PARFIT, 1983, p. 16ss; 2004, p. 418-421). A partir do exemplo elaborado por Williams, em que um homem A é psicologicamente contínuo a Guy

---

4 Acerca disto ver: WILLIAMS, 1973.

Fawkes (B), indivíduo do século XVII que teria conspirado contra o rei. Se a continuidade psicológica dá conta do critério de identidade, pode-se dizer que o primeiro homem (A) é Fawkes e que um segundo homem (C) somente lhe pode ser contínuo se aplicarmos o mesmo critério. Em outros termos, Guy Fawkes é psicologicamente contínuo de A. Porém, se os dois homens (por exemplo, A e C) apresentam as características mentais de Guy Fawkes, ambos (tanto A quanto C) lhe são psicologicamente contínuos. O problema é que A é Guy Fawkes, bem como C é Guy Fawkes, portanto, A e C são idênticos. Nesses moldes, a continuidade psicológica não estaria seguindo o mesmo fundamento do caso envolvendo A e Guy Fawkes, porque A e C são qualitativamente idênticos entre si (por exemplo, cada um tem as recordações e as características individuais de Guy Fawkes), em contrapartida, A e C são numericamente distintos.

Parfit insiste que o que importa é a “sobrevivência” – consequentemente, a continuidade psicológica –, através da operação de Wiggins, permitindo-lhe dizer que ao sobreviver à operação o que importa é a conexão psicológica assumida como possível, ao passo que se sobrevive. Tal sobrevivência permite falar em “Eu futuro”, descendente de um “Eu passado”, sendo que o que vale é a continuidade psicológica, exposta, em última instância como uma conexão psicológica fundada sobre questões de grau, de acordo com a anterioridade e a posteridade desse “Eu”, no ramo ao qual pertence. Isto acaba por permitir a descrição das experiências como algo “impessoal”, devido à conexão entre os “Eus” que decorrem da sobrevivência (PARFIT, 1983).

Deste modo, Parfit busca mostrar que podemos abdicar da linguagem da identidade pessoal e para isso coloca em destaque a “sobrevivência” do indivíduo ao experimento imaginado. Ora, se a sobrevivência à operação de Wiggins, que tem por resultado duas pessoas, implicar o termo “identidade” não faz sentido falar na descrição do caso e, por consequência, de “sobrevivência”, porque não se pode ser duas pessoas. Porém, caso sobreviver não implique a identidade, não há por que empregar a descrição da operação de Wiggins para o debate da identidade pessoal, pois tal discussão não lhe diria respeito.



## A identidade pessoal importa

Na avaliação de Ricoeur, a maneira com que Parfit apresenta a permanência da identidade vai ao encontro da identidade *mesmidade* ou identidade-*idem*. De modo geral, Ricoeur aborda a identidade pessoal procedendo a distinção entre a identidade de alguma coisa que se mantém “a mesma” – mesmidade –, isto é, a permanência de algo como sendo extremamente parecido (RICOEUR, 1988b; 1990; 1991), e a ipseidade, como a pessoa – *ela mesma* – a quem se atribui a ação ao longo do tempo. Em outras palavras, Ricoeur considera que a identidade pessoal é um conceito multiforme, sendo necessário analisar os significados das expressões latinas *idem* (mesmidade; alemão: *Gleich, Gleichheit*; inglês: *same, sameness*) e *ipse* (ipseidade; alemão: *Selbst, Selbstheit*; inglês: *Self, Selfhood*), que ensejam a discussão sobre os modos de permanência no tempo. O significado de *idem*, de mesmidade, reuniria um conjunto de relações que aproximam a identidade numérica, a identidade qualitativa e a continuidade ininterrupta, embora seja possível estabelecer distinções entre tais modalidades acerca da permanência no tempo. O significado de *ipse*, de ipseidade, expressaria o sentido de permanência no tempo enquanto continuidade pela manutenção da palavra como ação praticada, sem prescindir por completo da mesmidade.

Disto surge o problema sobre como atribuir identidade no decorrer do tempo sem se limitar à continuidade física e/ou psicológica. Ricoeur (1990, p. 143) questiona, então, se poderíamos determinar modos de permanência que respondam à pergunta “quem sou eu?” No seu entendimento, dispomos de dois modelos de permanência no tempo: o caráter (*caractère*) e a palavra mantida (*parole tenue*), que permitem evidenciar melhor a mesmidade e a ipseidade (RICOEUR, 1990, p. 148). A primeira hipótese de Ricoeur é que a polaridade dos dois modelos de permanência é resultado do recobrimento quase completo da identidade enquanto mesmidade sobre a identidade como ipseidade. Ao contrário disso, a fidelidade a si mesmo na manutenção da palavra empenhada, ou seja, das promessas que fazemos a outras pessoas, marca o afastamento da identidade como ipseidade da identidade enquanto mesmidade. A segunda

hipótese é que a identidade narrativa, isto é, a configuração de uma trama narrada, que é realizada sobre as ações praticadas, serve de mediação entre os dois modos de permanência. Esta intervenção da identidade narrativa junto à constituição conceitual da identidade pessoal realiza a mediação entre o polo do caráter – no qual a identidade como mesmidade e a identidade como ipseidade tendem a se recobrir –, e o polo da manutenção de si na manutenção da palavra empenhada afasta a identidade como ipseidade da identidade como mesmidade.

A dimensão do caráter enquanto hábito revela o seu aspecto temporal, porque o hábito é contraído “no” tempo, ou seja, há passagem do tempo mesmo que o consideremos do ponto de vista ordinário como o transcurso das horas marcado pelo tempo do relógio. O caráter na qualidade de hábito é o conjunto das disposições duráveis, ou seja, uma permanência de preferências, de costumes, de práticas frequentes. Ricoeur afirma que a permanência das disposições duráveis é o ponto limite no qual a problemática da ipseidade é recoberta pela mesmidade, sendo indiscernível uma da outra.

Em primeiro lugar, as disposições duráveis vinculam-se ao hábito num duplo sentido, quais sejam, o hábito em vias de ser contraído e o já adquirido. Uma vez mais o aspecto temporal do caráter é levado em conta em razão da história que lhe é conferida pelo hábito, sendo possível então falar que o caráter possui uma história. Contudo, esta história é entendida por Ricoeur como uma sedimentação das disposições adquiridas que redundam no recobrimento da mesmidade sobre a ipseidade. Mas, segundo Ricoeur, ainda que ocorra esse recobrimento, a diferença entre a mesmidade e a ipseidade não é abolida porque, embora prevaleça a força do recobrimento, cada um mantém seu respectivo caráter. Em outros termos, é o *meu* caráter, *ipse*, mas a *minha* ipseidade se apresenta como mesmidade (*idem*).

Não é possível determinar de antemão quais serão os hábitos de caráter perseverados por cada um de nós, nem com quais valores, normas, heróis iremos compartilhar e considerar como “nossos”. Conforme Ricoeur, o modo de permanência no tempo decorrente do caráter é distinto daquele da manutenção de si pela palavra empenhada. Sem o suporte da mesmidade, a ipseidade estaria

posta a nu. Manter a identidade (ipseidade) pela manutenção da palavra dada tem em vista não “o que” o indivíduo foi “ontem”, mas “quem” ele quer ser “amanhã”. E buscar “quem” se deseja “ser amanhã” demanda se projetar pela e na ação. Assim, manter-se no tempo, apesar de..., traria sentido à identidade pessoal, ao ponto de se afirmar que a “identidade pessoal importa”.

Para Ricoeur, a “promessa” conduz à construção de uma identidade ética (REICHERT DO NASCIMENTO, 2011), porque ao manter o que se prometeu (ontem) mantém-se a “si mesmo”, na identidade daquela pessoa que *disse* que (*amanhã*) fará. Portanto, a manutenção de si “mesmo” não é a manutenção de “alguma coisa” como permanência substancial no tempo, mas se estimar enquanto desejo de ser (“si-mesmo”) (RICOEUR, 1992). Ainda que a identidade pessoal se apresente como problema, haja vista a dificuldade de conciliar dois polos que se recobrem, Ricoeur defende a sua importância para a constituição de uma identidade em sentido ético, com o fito de criar relações de estima e respeito por si próprio e pelos outros, por meio de esferas de justiça alicerçadas em instituições democráticas.

a) As vidas humanas merecem ser contadas...

Em “Temps et récit 1”, Ricoeur (1983, p. 143) diz que “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. Na sua visão, podemos falar em histórias em potencial (narratividade incoativa) que dão ensejo à narração sobre si mesmo. Essas histórias em potencial, que pedem para ser narradas, se entrecruzariam com as histórias efetivamente narradas, constituindo assim as histórias de uma vida. Ricoeur considera que esse misto entre fabulação e experiência viva é o que constitui a identidade pessoal. Entretanto, a identidade pessoal como a história narrada de uma vida não estaria amparada em critérios estritos da permanência física ou de continuidade psicológica.

Não obstante haja um caráter de universalização na ideia de “as vidas merecem serem contadas”, Ricoeur considera que elas são vidas de um indivíduo pessoal, ao qual a pergunta sobre a “sua” história de vida é pensada no contexto

de histórias vividas e compartilhadas com outrem (RICOEUR, 1990; 1991). A própria ideia de *permanecer o mesmo como sendo um outro* diz respeito à “permanência” no sentido de perseverar nas disposições adquiridas nas identificações-com, o que se relaciona com caráter. Assim, ainda que eu possa ser “outro”, “diverso” (*ipse*), “eu” permaneço o “mesmo”, “idêntico”, o que expõe que a “palavra mantida” (*parole tenue*) afiançou a “palavra dada” (*parole donnée*). Porém, a “palavra dada” somente demonstrou sua fiança quando ela se revelou mantida pelo cumprimento da promessa feita anteriormente. É na “palavra mantida” que a ação temporal passada – isto é, a “palavra dada” – converte-se em hábito. Por sua vez, é no “hábito” de manter a palavra dada que o “eu” (si-mesmo) se projeta na ação temporal futura de comprometer-se em manter a palavra empenhada. Desta maneira, o “eu” se projeta como “outro” na perseverança à manutenção de si (*le maintien de soi*).

A expectativa da aspiração da vida boa – “visar a vida boa”<sup>5</sup> com e para os outros nas instituições justas – coloca em cena um aspecto prescritivo-normativo, ao requerer a manutenção da palavra dada para que a identidade pessoal como identidade narrada seja coerente com o conjunto de ações praticadas. Como diz o próprio Ricoeur, é o risco de trairmos nossas promessas – isto é, de não manter nosso compromisso – que faz da manutenção da palavra dada um ideal a ser “buscado”, que guia a própria “busca” enquanto desejo de uma vida realizada (*d'une vie accomplie*) (RICOEUR, 1992; BLANCO ILLARI, 2011). Em suma, a identidade pessoal está assentada sob a responsabilidade que o agente tem sobre a sua própria vida e sob a busca pela lógica narrativa da continuidade e da coerência entre as histórias potenciais e a história narrada de uma vida, enquanto algo visado como autocompreensão (compreensão de si pelo autoexame da vida). Além disso, a identidade narrativa considerada como compreensão de si remete à ideia de uma reflexão filosófica aplicada às obras e às ações, enquanto expressão de um desejo de ser<sup>6</sup>.

---

5 A ideia de uma vida boa refere-se à intensão de uma ética que toma o desejo como anterior ao imperativo moral. A esse respeito, ver: RICOEUR, 1990, pp. 199-344.

6 Ricoeur recupera a expressão “desejo de ser” de Jean Nabert e a emprega em diversas obras,

## Considerações Finais

É necessário destacar que os problemas filosóficos que levam Ricoeur e Parfit à identidade pessoal são distintos, porém, a aproximação entre eles é possível com a pergunta sobre se estamos tratando da “mesma coisa” em sua permanência ao longo do tempo. Embora os esforços em defesa ou contra a natureza e a importância da identidade pessoal oponha os autores, percebe-se que o ponto de aproximação entre ambos é a unidade das experiências da pessoa por meio da história narrada de uma vida, que embasa os argumentos de Ricoeur a favor, e ideia de uma unidade psicológica, discutida e rejeitada por Parfit por meio dos casos problemas.

A pessoa é designada por Parfit como uma entidade autônoma, para a qual se atribui a existência de um cérebro e de um corpo físico, com uma série individual de processos físicos e mentais interconectados. Nesse sentido, dado que o acontecimento é impessoal, o corpo é posto como um elemento “neutro” da experimentação de bissecção e da sobrevivência, desta forma, esse corpo físico, material, não é experimentado sob a perspectiva de um corpo que é “meu” próprio corpo (RICOEUR, 1990, p. 155; GONZÁLEZ, 2004). Ricoeur expõe que o corpo tele transportado ou da experiência de bissecção não é considerado como o corpo de alguém, que tem o sentimento de insegurança, de angústia se irá resistir a tais interferências externas em “seu corpo”. A associação entre a conexão corporal e psicológica compatibiliza o que na vida cotidiana aparece como não sendo passível de dissociação e que, por exemplo, o sentimento de “sentir-se inseguro sobre...” a sobrevivência ao experimento pode ser atribuído a alguém capaz de autodesignar-se (GONZÁLEZ, 2004; BLANCO ILLARI, 2011) – “Eu irei sobreviver? Estou inseguro...?” –, o que manifestaria um modo de apresentação da ipseidade.

---

quais sejam, *De l'interprétation. Essai sur Freud* (1965), *Le conflit des interprétations* (1969), *Soi-même comme un autre* (1990) e *La mémoire, l'histoire et l'oubli* (2000). De modo geral, o desejo de ser condensa a ideia de que a existência antecede o pensamento e que a reflexão é cega, caso ela não tome as expressões da vida – as ações praticadas – como trabalho de interpretação e de ser interpretado (RICOEUR, 1969, p. 21-26).

Na própria caracterização da noção de ipseidade em Ricoeur, a pessoa é capaz de designar-se, de narrar-se a si mesma, o que lhe confere a reflexividade sobre o seu poder agir *lato sensu*, expresso sob a capacidade de falar, narrar e ser narrada, ser sujeito à imputação moral. É esse reflexionar sobre si mesma (*soi-même*) que garante a pessoa que se autodesigna, que se narra, a atribuição de que suas experiências e que estados mentais podem-lhe ser adscritos.

Ao invés de adotar a perspectiva da identidade pessoal como permanência física ou da continuidade psicológica, Ricoeur defende um modo de tratar a identidade pautado na atuação do agente e na construção de uma narração que reúne as ações praticadas. Assim, a identidade pessoal não estaria restrita a identidade numérica ou qualitativa, mas se abre para a ideia de que ela conforma as ações como sendo “obras” que constituem a unidade da pessoa agrupada na unidade da história narrada (BLANCO ILLARI, 2011). Deste modo, Ricoeur defende que a identidade pessoal “importa” quando se trata de tomá-la como modalidade ética de si, ligada ao transcurso do tempo, e que as vidas humanas demandam serem narradas (MICHEL, 2016).

## Referências

BLANCO ILLARI, J. I. Aspectos narrativos de la identidad personal. **Tópicos**. Revista de Filosofía de Santa Fe, Santa Fe, n. 21-22, pp. 31-60, 2011.

BOTTON, J. B. O problema da identidade pessoal em Derek Parfit e Paul Ricoeur. **Thaumazein**, Santa Maria, v. 3, n. 5, pp. 21-31, 2010.

GARCÍA, A. Q. El planteamiento de la identidad personal en la obra de Derek Parfit. **Eikasía**, Oviedo, n. 80, pp. 154-178, 2018.

GARRETT, B. **Metafísica**. Conceitos-chave em Filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GONZÁLEZ, M. R. Parfit o la vida secreta de las teorías. IN: PARFIT, D. **Razones y personas**. Madrid: A. Machado Libros, 2004.

MICHEL, J. Da substituição narrativa. In: WU, R; REICHERT DO NASCIMENTO, C. **Pensar Ricoeur**. Vida e narração. Porto Alegre: Editora Clarinete, 2016.

PARFIT, D. Identidad personal. **Cuadernos de Crítica**, Ciudad de México, v. 25, pp. 5-36, 1983.

\_\_\_\_\_. **Razones y personas**. Madrid: A. Machado Libros, 2004.

REICHERT DO NASCIMENTO, C. Identidade pessoal e ética em Paul Ricoeur: da identidade narrativa à promessa e à responsabilidade. **Études ricoeuriennes/Ricoeur Studies**, Pittsburgh, v. 2, n. 2, pp. 48-62, 2011.

RICOEUR, P. **Le conflit des interprétations**. Essais d'herméneutique. Paris: Seuil, 1969.

\_\_\_\_\_. **Temps et récit 1**. L'intrigue et le récit historique. Paris: Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. **Temps et récit 3**. Le temps raconté. Paris: Seuil, 1985.

\_\_\_\_\_. L'identité narrative. **Esprit**, Paris, n. 7-8, pp. 295-304, 1988a.

\_\_\_\_\_. Indivíduo e identidade pessoal. In: VEYNE, P. et al. **Indivíduo e poder**. Lisboa: Edições 70, 1988b.

\_\_\_\_\_. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

\_\_\_\_\_. L'identité narrative. **Revue des Sciences Humaines**, tome LXXXXV, n. 221, pp. 35-47, 1991.

\_\_\_\_\_. **Lectures II: La Contrée des philosophes**. Paris: Seuil, 1992.

WIGGINS, D. **Identity and spatio-temporal continuity**. Oxford: Basil Blackwell, 1967.

WILLIAMS, B. **Problems of the Self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.